https://doi.org/10.53000/hs.v21i00.5550

Do tri italiano ao tetra brasileiro:
representações visuais de Brasil e Itália em 1982 e 1994

Bruna Ferraz Barenco[1]

BARENCO, B. F. **Do tri italiano ao tetra brasileiro:** representações visuais de Brasil e Itália em 1982 e 1994 *História Social*, vol. 21, p. 01-26, e026013, 2026

Resumo: O presente trabalho analisa comparativamente as representações visuais construídas pela imprensa esportiva brasileira e italiana acerca do tricampeonato mundial italiano, em 1982, e do tetracampeonato mundial brasileiro, em 1994. A escolha desses dois momentos se deve ao fato de que em ambas as edições, Brasil e Itália se enfrentaram em partidas decisivas, com a vitória italiana por 3 a 2 na segunda fase de 1982, em Sarriá, e a conquista brasileira nos pênaltis na final de 1994, o que torna a comparação produtiva para investigar como cada vitória foi visualmente narrada em relação à derrota do rival. A partir da análise de fotografias e capas de revistas e jornais esportivos de ambos os países, o trabalho busca compreender como essas imagens contribuíram para a construção e reforço de identidades nacionais associadas ao futebol, em contextos históricos distintos: a Itália de 1982, ainda se recuperando de consequências da Segunda Guerra Mundial, e o Brasil de 1994, em processo de consolidação democrática após a redemocratização. Pretende-se demonstrar que, embora separadas por doze anos e por conjunturas políticas diversas, as representações imagéticas das duas conquistas compartilham estratégias narrativas semelhantes, evidenciando padrões recorrentes na cobertura esportiva de grandes eventos futebolísticos.
Palavras-chave: Futebol. Copa do mundo. Imprensa.

[1] Doutorado em andamento na Universidade Federal Fluminense, e contemplada pela Bolsa Nota 10 da FAPERJ. Contato: brunabarenco@id.uff.br

From Italy's Third to Brazil's Fourth:
Visual Representations of Brazil and Italy in 1982 and 1994

Bruna Ferraz Barenco

Abstract: This study presents a comparative analysis of the visual representations constructed by the Brazilian and Italian sports press regarding Italy's third World Cup title in 1982 and Brazil's fourth in 1994. These two moments were selected because Brazil and Italy faced each other in decisive matches in both tournaments—Italy's 3–2 victory in the 1982 second round at Sarriá and Brazil's penalty-shootout win in the 1994 final—making the comparison fruitful for investigating how each victory was visually narrated in relation to the rival's defeat. Through an analysis of photographs and covers from sports magazines and newspapers in both countries, the study seeks to understand how these images contributed to constructing and reinforcing football-related national identities within distinct historical contexts: Italy in 1982, still recovering from the aftermath of World War II, and Brazil in 1994, undergoing democratic consolidation following the return to democracy. The article aims to demonstrate that, despite being separated by twelve years and different political circumstances, the visual representations of these two triumphs share similar narrative strategies, revealing recurring patterns in sports coverage of major football events.
Keywords: Football. World cup. Press.

Introdução

Como fenômeno mundial do século XX, o futebol se consolida em paralelo à ascensão do que se convencionou chamar de virada pictórica (*pictorial turn*), o processo de reconfiguração epistemológico das imagens

nas ciências humanas, discutido por autores como Bredekamp e Mitchell.[2] Esse debate teórico coincide, cronologicamente, com a expansão das competições esportivas internacionais no período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando o futebol se consolida como fenômeno em escala global. A regularidade dos torneios e a popularização do esporte estreitaram, de forma intrínseca, sua relação com as imagens e com a imprensa. Dessa forma, é possível afirmar que o futebol moderno e os meios de comunicação de massa nasceram e se desenvolveram em períodos históricos próximos, mantendo entre si uma relação complementar.[3]

Mais do que uma competição esportiva, a Copa do Mundo se relaciona de forma intrínseca com identidades, nacionalismos e mídia, criando imagens que podem ser consideradas símbolos e representações nacionais. Aqui, o conceito de vida própria da imagem e foto-ícone[4] fazem-se fundamentais. As imagens se tornaram o modo dominante de expressão do nosso tempo, mas apresentam-se como uma maneira de enxergar o mundo, e não um espelho do mundo[5]. As imagens existem como uma construção de experiência, que nem sempre reflete o objetivo do autor da imagem, viajando por diferentes temporalidades. É possível aqui aproximar com o futebol, e principalmente a Copa do Mundo, que como apontado por Guedes, está "(...) apreendida na "suspensão" do tempo cotidiano, transformando dias comuns em feriados"[6]

---

[2] BREDEKAMP, H. **Image Acts**: Systematic Approach to Visual Agency, Translated, edited and adapted by Elizabeth Clegg, Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2018; MITCHELL, WJ Thomas. **What do pictures want?:** The lives and loves of images. University of Chicago Press, 2005.

[3] GASTALDO, Édison. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo interdisciplinar. GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas.** Campinas, Editora da Unicamp, 2020, p. 399-409.

[4] MAUAD, Ana Maria. COMO NASCEM AS IMAGENS? UM ESTUDO DE HISTÓRIA VISUAL. **História: Questões & Debates,** Curitiba, n. 61, p. 105-132, 2014.

[5] BREDEKAMP, *Op. cit.*

[6] GUEDES, Simoni Lahud. A dádiva e os diálogos identitários através das Copas do Mundo no Brasil. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Orgs.). **Futebol objeto das Ciências Humanas.** São Paulo: Leya, 2014, p. 59.

A Copa do Mundo, principal competição do futebol mundial, é organizada pela FIFA desde 1930, em edição disputada no Uruguai e vencida pelo país sul-americano. No período do entre guerras, a característica identitária do futebol foi explorada em especial pelo governo autoritário de Mussolini na Itália, que sediou o mundial em 1934, também vencendo a competição, e chegou ao bicampeonato em 1938 – era "vencer ou morrer", como dizia telegrama do próprio Mussolini[7] enviado à seleção italiana antes da final contra a Hungria. Ainda que a transmissão das partidas fosse feita pelo rádio, as imagens da seleção italiana fazendo a saudação fascista podem ser consideradas ícones importantes desse período do esporte. Após a pausa devido a ocorrência da Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo retorna em 1950, no Brasil, e vem para inaugurar uma nova fase da competição, que segue acontecendo com a periodicidade de quatro em quatro anos.

No Brasil, é exatamente com a Copa do Mundo de 1950 que o futebol marca seu caráter oficial de expressão e identidade nacional. Ainda que o Estado Novo tenha se interessado pelo esporte, com Getúlio Vargas inclusive comandando comícios em estádios, como São Januário e Pacaembu, essa relação foi aprofundada a partir da década de 1950. A derrota em casa na final para o Uruguai, no episódio conhecido como "Maracanazzo", é veiculada como uma derrota não só do selecionado nacional, mas de todo o povo brasileiro. As mesmas características enaltecidas da seleção na vitória, agora são o motivo do fracasso do time[8]. Com as vitórias conquistadas em sequência nos mundiais de 1958 e 1962, o Brasil estabelece o futebol como ponto central de construção de identidade nacional, uma tradição inventada[9] do nacionalismo brasileiro.

---

[7] AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer:** futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

[8] SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da Nação canarinho:** uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

[9] HOBSBAWM, Eric J., Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições.** 11 Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 9-24.

A relação com o futebol é consolidada com a conquista do tricampeonato do Brasil no México, em 1970, durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), em partida exatamente contra a Itália. Ao conquistar o título, a seleção se torna a primeira a conseguir o feito de erguer a taça Jules Rimet três vezes. A vitória contra a também bicampeã Itália produz imagens sintetizam o futebol brasileiro: o braço erguido de Pelé abraçado na comemoração do gol, o jogador sendo carregado por jogadores e membros da comissão técnica, e, na volta para casa, a recepção do presidente militar Médici, erguendo a taça ao lado de Pelé e Carlos Alberto Torres, capitão do time nacional naquela conquista.

Os encontros entre Brasil e Itália nas Copas do Mundo com frequência se tornam partidas importantes, com os países protagonizando finais e jogos decisivos. O primeiro confronto entre Brasil e Itália na história das Copas do Mundo ocorreu em 16 de junho de 1938, na semifinal do torneio realizado na França. A seleção italiana venceu a partida por 2 a 1, com gols de Colaussi e Giuseppe Meazza, enquanto Romeu descontou para os brasileiros. O histórico de partidas importantes seguiu no mundial de 1982, no qual a Itália derrotou o Brasil por 3x2 e seguiu o caminho para se consagrar tricampeã da Copa do Mundo. O próximo encontro em mundiais aconteceria dez anos depois, na final da Copa de 1994, quando o Brasil saiu vitorioso nos pênaltis e se tornou a primeira seleção tetracampeã da competição.

Nesse trabalho, a intenção é analisar como essas imagens publicadas em alguns dos principais periódicos de ambos os países (O Globo, Placar e Jornal do Brasil, e Gazzeta Dello Sport e Corriere Dello Sport, em Brasil e Itália, respectivamente), e como essas imagens contribuíram para a construção e reforço de identidades nacionais associadas ao futebol, em contextos históricos distintos: a Itália de 1982, ainda se recuperando de consequências da Segunda Guerra Mundial, e o Brasil de 1994, em processo de consolidação democrática após a redemocratização. Pretende-se demonstrar que, embora separadas por doze anos e por conjunturas políticas diversas, as representações imagéticas das duas conquistas compartilham

estratégias narrativas semelhantes, evidenciando padrões recorrentes na cobertura esportiva de grandes eventos esportivos, lidando com as inevitáveis vitórias e derrotas do futebol e o imaginário construído coletivamente sobre esses resultados, afinal o futebol é o único esporte onde as derrotas podem ser tão significativas quanto as vitórias[10].

Copa do Mundo de 1982: a tragédia do Sarriá e a Copa de Pertini

Brasil e Itália chegaram com expectativas opostas na Copa do Mundo de 1982, disputada na Espanha. Enquanto o Brasil era um dos favoritos, após boa campanha nas eliminatórias e uma sequência de vitórias em amistosos internacionais, a Itália chegava com seu futebol em crise. O maior craque italiano da época, Paolo Rossi, vinha de suspensão de 23 meses afastado pela FIFA, por seu envolvimento em escândalos envolvendo manipulação de resultados[11] no campeonato italiano durante o episódio conhecido como "Totonero", que foi um escândalo de manipulação de resultados do cálcio italiano durante a temporada de 1979, na série A e série B, e o esquema foi descoberto pela Guarda di Finanza no ano seguinte. Os clubes envolvidos foram rebaixados ou começaram a temporada com menos cinco pontos. Após um recurso, a suspensão de Rossi foi diminuída de três para dois anos, possibilitando que o atleta fosse chamado para jogar o mundial.

A seleção brasileira embarcou para a Espanha embalada pelo samba "Povo Feliz", gravado pelo jogador Júnior, numa onda de otimismo e expectativa para a chegada do inédito tetracampeonato, após campanhas decepcionantes nas Copas do Mundo que seguiram a conquista do tricampeonato em 1970. O editor da Revista Placar, Juca Kfouri, exaltava a "volta do futebol-arte"[12], e comparações entre o selecionado que viajava para a Espanha em relação ao grupo que conquistou a taça no México

[10] GUEDES, Op. cit.
[11] **Placar,** 31 de dezembro de 1982. Edição 658.
[12] **Placar,** 2 de julho de 1982. Edição 632.

eram frequentes. O panteão de ídolos brasileiros havia sido renovado, com a saída de Pelé, Gerson e Rivelino e chegada de Sócrates, Zico e Falcão no grupo da seleção brasileira. A boa campanha nas eliminatórias, além da performance no Mundialito e as vitórias nos amistosos de preparação para Copa, fazia o Brasil chegar como favorito não só pela imprensa nacional, mas internacional também.

Na fase de grupos, o Brasil estreou com uma vitória de 2x1 apertada contra a URSS, mas seguiu a campanha com goleadas contra Nova Zelândia e Escócia, se classificando com tranquilidade para o triangular da próxima fase, quando enfrentaria Argentina e Itália. A Argentina, já com Maradona, defendia o título conquistado em 1978 e era considerada uma das favoritas para ganhar na Espanha, O clássico Brasil x Argentina era o jogo difícil, e a "Itália, inegavelmente, não assusta. É velha freguesa (...) jogando por empates, sem nenhuma graça ou criatividade."[13]

A afirmação não era infundada, ou baseada apenas em memórias de glórias do passado. A Itália se classificou como a segunda do grupo 5 das eliminatórias europeias, atrás da Iugoslávia. No mundial, ficou no grupo A, com Polônia, Camarões e Peru, e também se classificou em segundo no grupo, com três empates em três jogos. Na segunda fase, caiu no grupo com Brasil e Argentina, um "grupo da morte". Contra os argentinos, venceu por 2x1, e precisava de uma vitória contra o Brasil, que também derrotara a Argentina, dessa vez por 3x1, para avançar.

O jogo entra Brasil e Itália, marcado para o estádio do Sarriá, era um passo para a final. A atmosfera do jogo era de uma partida para se confirmar o favoritismo dos brasileiros, e um tudo ou nada para os italianos. Independente do placar final, era óbvio que seria um jogo que entraria para a história das duas seleções. A vitória da Azzura por 3x2, com "*hat trick*" de Paolo Rossi, foi a virada que a Itália precisava para emplacar a campanha até o tricampeonato, e a derrota do otimismo do futebol-arte do canarinho.

[13] Ibid.

Uma das características mais marcantes do futebol, é talvez sua condição de simular uma batalha, a imprevisibilidade[14], de forma que sempre existe um time vitorioso e um time derrotado saindo de campo. As imagens reproduzidas que definem o futebol reiteram essas características: braços erguidos versus cabeças baixas, sorrisos versus lágrimas. Em uma mesma imagem, a vitória e a derrota observadas. O conceito de imagem-ato, de Bredekamp, nos ajuda a entender como as imagens no futebol ganham vida própria e significados além de uma reprodução visual de um momento. Quando a glória de um país depende de um gol, como acontece nos nacionalismos que tem parte da sua identidade construída pelo sucesso esportivo, as imagens deixam de ser apenas imagens[15].

A imprensa é o lugar ideal para observar a relação do futebol com as imagens. Como principal formadora da memória coletiva sobre o futebol[16], a imprensa tem se utilizado de imagens não apenas para ilustrar, mas para comunicar a narrativa sobre o jogo, e os sentimentos envolvidos. Nesse sentido, nos anos 80, as capas de jornais e periódicos esportivos ditavam a narrativa de memória das partidas.

No Brasil, a derrota foi resumida pelas lágrimas. No dia seguinte a partida, a capa do Globo estampava o 3x2 contra a Itália como principal notícia, com quatro fotos grandes em destaque. A organização da primeira página do jornal remontava a uma capa de jornal exclusivamente esportivo, com as demais notícias espremidas em torno das fotos do jogo. Além das fotos do jogo, que ilustravam o primeiro gol da Itália e o primeiro gol do Brasil, sendo as duas maiores imagens, chama a atenção a foto do canto direito, em que um pai segura o filho no colo, ambos chorando.

[14] FRANCO JUNIOR, Hilário. Guerra e futebol. **A dança dos deuses:** futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 56-58.

[15] BREDEKAMP, Op. cit.

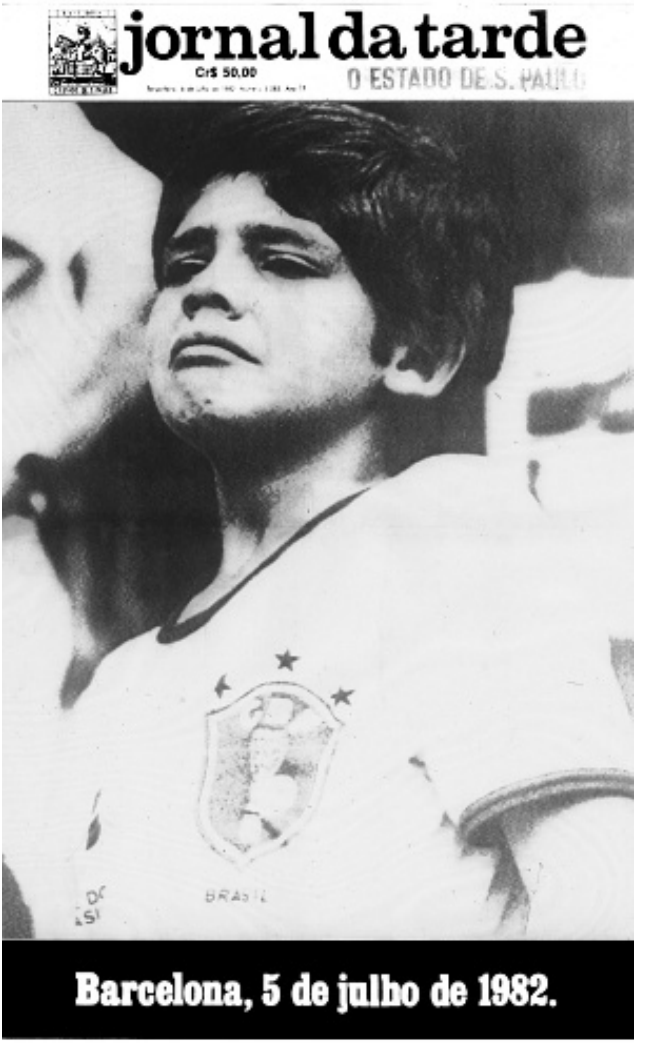
[16] CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico. HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) **Copas do Mundo:** comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 13-36.

Figura 1: Capa do Jornal "O Globo", 06/07/1982



Ainda no dia 06 de julho, logo após a partida, o Jornal da Tarde também resumiu o resultado do jogo em uma foto envolvendo lágrimas, dessa vez de um menino trajado com a camisa da seleção:

Figura 2 – Capa do Jornal da tarde, 06/07/1982



A foto, vencedora do Prêmio Esso de jornalismo no ano de sua publicação, aparece sem acréscimo de nenhuma manchete além da data e localidade, parecia resumir o sentimento brasileiro frente a derrota da seleção de 1982. Choro e lágrimas são observados tanto do ponto de vista ético quanto estético, e são usados como forma de sensibilizar o leitor[17]. A foto do menino no jornal da tarde é, talvez, a foto mais famosa sobre a repercussão da derrota brasileira em Barcelona, ganhando um status de foto ícone[18] que supera os das imagens do campo durante aquele jogo.

Nos periódicos esportivos, a revista Placar de 09/07/1982, estampa sua capa com "Que pena, Brasil" em letras garrafais, e uma montagem de um recorte em que se vê três jogadores italianos comemorando em primeiro plano, enquanto dois jogadores brasileiros levam as mãos a cabeça. Como apontado por Costa:

> "As lágrimas de 1982 foram representadas como derivadas de um sentimento de compaixão em relação a uma geração tomada como singular na história do futebol nacional. O dia 5 de julho de 1982 entrou para a história como o dia em que heróis so-freram uma queda, considerada por alguns algo difícil de explicar e, por muitos, injusta."[19]

Enquanto no Brasil as imagens de lágrimas resumiram a derrota e a tragédia do Sarriá, como a partida ficou conhecida, na Itália a vitória foi enaltecida, ainda que com poucas imagens. Em dois dos principais jornais esportivos italianos, Gazzetta dello Sport e Corrierre dello Sport, o destaque ficou para a figura de Paolo Rossi, autor dos três gols contra o Brasil que levaram a Itália até a semifinal, sem espaço para a tristeza dos brasileiros.

---

[17] MARQUES, José Carlos; CARLOS, Neide Maria. Fotojornalismo esportivo e a derrota do Brasil para Alemanha no Mundial de 2014: imagens de choro e lágrima nas capas de quatro jornais brasileiros. **ÂNCORA – Revista Latino-Americana de Jornalismo,** v. 4, n. 1, p. 70–87, 2014.

[18] MAUAD, Ana Maria. Op. cit.

[19] COSTA, Leda; "1982: lágrimas de uma geração de ouro". HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) **Copas do Mundo:** comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 176.

Figura 3 – Capa da Gazzetta dello Sport de 06/07/1982



Enquanto a Gazzetta dello Sport tem como único destaque de fotografia a imagem de Paolo Rossi de braços abertos comemorando um gol, acompanhado da palavra "Fantastico", o Corrierre dello Sport reproduz três vezes uma foto de Rossi, representando cada um de seus gols, enquanto pede "Perdonaci, Brasil"[20].

[20] "Perdoe-nos Brasil", em tradução livre

Figura 4 – Capa do Corrierre dello Sport, 06/07/1982



Em terras italianas, a Copa do Mundo de 1982 ficaria conhecida como "Copa de Pertini"[21], em referência ao presidente do país a época, Alessandro Pertini. O título conquistado no Santiago Bernabéu contra a Alemanha Ocidental não era apenas o terceiro campeonato mundial da

[21] FOOT, John. How Italian Football Creates Italians: The 1982 World Cup,the 'Pertini Myth' and Italian National Identity, **The International Journal of the History of Sport,** v. 33, n. 3, p. 341-358, 2016.

Azzura, mas era o primeiro conquistado durante um governo democrático. Para a Itália, o que marcou foi a final do mundial, e a imagem do presidente italiano não apenas se comportando como um torcedor, mas jogando cartas com os jogadores no voo de volta para casa. Os anos 80 marcaram também o auge do domínio do futebol italiano no continente europeu, o jogo contra o Brasil marcado como o momento épico da caminhada italiana até o tricampeonato, alcançando exatamente a seleção brasileira como país com mais títulos de mundiais.

Copa do Mundo de 1994: o tetra e a brava Azzura

Para a Copa do Mundo de 1994, o cenário era muito diferente de 1982. A seleção brasileira chegava desacreditada, com o peso de 24 anos sem título do mundial e ainda sob a desconfiança da campanha ruim na Copa do Mundo de 1990. O Brasil confirmou sua classificação na última rodada, vencendo o Uruguai no Maracanã com dois gols do ídolo-herói em construção Romário, que estava fora da seleção desde 1992 após se negar ficar no banco em um amistoso contra a Alemanha. Já a Itália se classificou em primeiro do grupo 1, apesar de ter algumas dificuldades, com a ajuda do seu maior craque Roberto Baggio, eleito melhor jogador do mundo pela FIFA em 1992 e 1993.

Quando se fala em futebol e Copas do Mundo, em especial nos países já vitoriosos em alguma ocasião e tem parte de suas identidades marginalmente construídas pelo futebol[22], a expectativa é sempre de buscar o título e figurar entre os favoritos, independente da fase do selecionado ser boa ou ruim.

A Itália ficou no grupo E do mundial, disputado pela primeira vez nos Estados Unidos. A trajetória da Azzura começou com uma derrota para a Irlanda, seguida de uma vitória pelo placar mínimo contra a Noruega e um empate com o México, o que pode não ter sido suficiente

[22] ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil através del fútbol. **Revista internacional de sociologia,** v. 30, n. 1, p. 149-168, 2005.

para convencer, mas foi o suficiente para avançar as oitavas de final. Na fase seguinte, a seleção italiana enfrentou a Nigéria, que vinha fazendo uma ótima campanha na Copa do Mundo. Em jogo polêmico, os italianos superaram os nigerianos por 2x1 na prorrogação, com gol de Baggio e expulsão polêmica de Zola, que entrou e foi expulso com menos de dez minutos em campo.

Nas quartas de final, a Azzura enfrentou a Espanha, vencendo novamente pelo placar de 2x1, com gols de Dino e Roberto Baggio. Para as semifinais, o jogo era contra a Bulgária, a zebra da competição, que eliminara a atual campeã Alemanha nas quartas de final. Mais uma vez pelo placar de 2x1, a Azzura estava de volta à final pela primeira vez desde 1982. E o adversário na partida decisiva era um conhecido do caminho para o último título italiano: o Brasil.

A trajetória brasileira na Copa do Mundo de 1994 começou contra a Rússia, pelo grupo B, com vitória por 2x0. Contra Camarões, o placar foi ainda mais elástico, com 3x0, gols de Romário, Bebeto e Márcio Santos. Nas oitavas de final, o Brasil encarou os donos da casa, Estados Unidos, que estavam embalados e confiantes pelo fator casa e a data do jogo decisivo, marcado para 4 de julho, dia da independência dos EUA. Após o lateral Leonardo ser expulso e suspenso do resto da competição, Bebeto abriu o placar e segurou a pressão da seleção estadunidense, fechando a vitória magra, mas suficiente para passar de fase.

Nas quartas, o adversário foi a Holanda, ainda com remanescentes da geração campeã da Eurocopa de 1988. Em campo, o Brasil começou avassalador no segundo tempo, abrindo 2x0 com a famosa comemoração de Bebeto embalando um bebê imaginário, em homenagem ao nascimento do seu filho. Mas a seleção levou o empate da Holanda com Bergkamp diminuindo e Winter empatando, mas o Brasil fez o terceiro com um gol de falta de Branco, que entrou no lugar do suspenso Leonardo. Para a semifinal, o confronto foi contra a Suécia, seleção forte que empatou com o Brasil na fase de grupos. Pressionando o adversário, o gol brasileiro parecia questão de tempo, e com a expulsão do capitão sueco Thern, mas o

gol da classificação brasileira saiu apenas aos 35 do segundo tempo, mais um de Romário de cabeça.

A parada agora era a final da Copa do Mundo, em Atlanta, e o adversário um velho conhecido de mundiais e finais, mas o qual o Brasil não encontrava desde a traumática eliminação no Sarriá: a Itália.

As duas seleções chegam para a final buscando um inédito tetracampeonato com a memória de 1982 ainda muito viva. Era a segunda final disputada entre as duas seleções, as duas mais vitoriosas nas Copas do Mundo à época. Rossi, herói da classificação italiana em 1982, é entrevistado pela Folha, e acredita que a seleção de Telê era melhor, mas menos determinada que a de Parreira em 1994[23]. Também em entrevista à Folha, o zagueiro Márcio Santos relembra a derrota brasileira de 1982, admitindo que "Jogar bonito não adianta. Já reparou que todos os times europeus campeões do mundo jogam feio. (...) vem a Copa para competir, para ganhar e não para se exibir"[24].

No dia 17 de julho de 1994, em campo, um jogo disputado. Dúvida até o apito inicial por lesão, Baggio começou jogando, ambos os times com força máxima para buscar o tetra. Após o placar não sair do 0x0 durante os 90 minutos e na prorrogação, a Copa do Mundo seria decidida por pênaltis pela primeira vez na história.

O capitão italiano Baresi iniciou a disputa de pênaltis, isolando a cobrança. Na sequência, o goleiro italiano Pagliuca defende o pênalti de Márcio Santos, deixando tudo igual. Albertini balançaria a rede pela primeira vez naquela tarde, fazendo 1 x 0 para a Azzura. Romário também fez a sua cobrança de pênalti, com direito a paradinha e bola desviando na trave, deixando tudo igual. Depois, Evani bateu no meio do gol e deu a vantagem novamente para a Itália, com Branco vindo na sequência e empatando novamente a série. O lance seguinte seria decisivo para o desenrolar da cobrança, com o goleiro brasileiro Taffarel acertando o canto

[23] **Folha de São Paulo,** 16 de julho de 1994. Nº 23.845.
[24] Ibid.

e defendendo o chute de Massaro. Dunga veio em seguida e marcou, colocando o Brasil na frente pela primeira vez naquela tarde.

E então era a vez de Roberto Baggio. O craque italiano chutou no meio do gol, mas isolou a bola para fora, por cima da trave. O tetra chegara para o Brasil, 24 anos depois do último título, e a Itália ficava pelo caminho, em um placar de penalidades que invertia o resultado do jogo de 1982: 3x2 para o Brasil.

O pênalti perdido de Baggio, que deu a vitória para o adversário, é de certa forma o momento que nos deteremos. Ambiguamente um instante de vitória e de derrota, os segundos que se seguiram a cobrança perdida geraram imagens que podem ser consideradas ícones não apenas daquela Copa, mas do futebol, de uma maneira que instiga a subjetividade não apenas do futebol, mas das imagens em si[25]. Belting aponta para a relação das imagens e a memória, e como as imagens podem ser entendidas como percepção e recordação do mundo, a partir do seu relacionamento com quem as vê[26].

É o caso da imagem de Baggio e Taffarel, segundos após o pênalti decisivo. Presentes tanto na mídia brasileira quanto na italiana, revelam dois lados do futebol e duas construções de memória opostas: a vitória e a derrota. Duas versões do mesmo momento podem ser encontradas: ou com Baggio, de cabeça baixa e mãos na cintura em primeiro plano, com Taffarel atrás; ou o oposto, com Taffarel ajoelhado de braços estendidos para o céu e punhos cerrados comemorando, com a figura de Baggio de cabeça baixa atrás.

No caso dos jornais italianos, que como visto em 1982, utilizam um pouco menos da imagem na sua linguagem jornalística, o pênalti perdido de Baggio aparece por ambos os ângulos. Na capa da Gazzetta Dello Sport do dia 18 de julho de 1994, o dia seguinte a final, Baggio é a única figura italiana representada, com a cabeça baixa, mas com a imagem recortada

[25] BREDEKAMP, Op. cit.

[26] BELTING, Hans. "Por uma antropologia da imagem", Concinitas, ano 6, volume 1, número 8, p. 65-78, julho 2005.

de forma que não mostra o restante. A escolha pelo recorte nos leva mais uma vez a pensar sobre a relação da fotografia com suas limitações e bordas, e o que existe para além do que aparece na imagem[27], em um exercício simples de imaginação nesse caso, não é estranho pensar que o recorte tira a comemoração do goleiro brasileiro da imagem. O Brasil, vitorioso na partida, tem uma pequena imagem de Romário como destaque.

Figura 5 – Capa da Gazzeta Dello Sport, 18 de julho de 1994



[27] Edwards, E. "Photography and the performance of History", Kronos, **Journal of Cape History**, n. 27, p. 15-29, Nov. 2001.

Já no dia 19 de julho, ainda repercutindo a final do mundial, o mesmo jornal apresenta a imagem completa, dessa vez com Taffarel em primeiro plano, comemorando o tetracampeonato brasileiro, enquanto Baggio está ao fundo. As outras imagens que acompanham essa na capa inclui uma foto da comemoração brasileira, com uma faixa que comemora o tetra, e uma foto de dois jogadores italianos, já com suas medalhas de segundo colocados, também de cabeça baixa.

Figura 6 – Capa do Gazzetta dello Sport, 19 de julho de 1994



Baggio é o personagem central da narrativa italiana da derrota, e aparece também como única figura na capa do Corrierre dello Sport, embora seja outra foto, mas igualmente demonstrando a lamentação do pênalti perdido. Posteriormente, Baggio classifica o pênalti perdido como o pior momento da sua carreira, afirmando em seu livro que

> "Eu perdi o último pênalti, 'cancelando' assim os de Baresi e Massaro. Eles tinham que escolher uma imagem da final e escolheram o meu erro. Para variar. Eles queriam um bode expiatório e me escolheram, esquecendo que sem mim eles jamais chegariam à final."[28]

Já nos jornais brasileiros, o foco principal foi a comemoração tetracampeonato e a taça do mundial. Mesmo assim, entre as imagens escolhidas para estampar a capa do Globo no dia 18 de julho, a imagem de Taffarel ajoelhado e Baggio se lamentando estava lá, logo abaixo da manchete "TETRA". Em maior destaque, Dunga erguendo a taça da Copa do Mundo e Taffarel defendendo o pênalti de Massaro.

[28] BAGGIO, Roberto. **Una porta nel cielo.** Itália, TEA. 2021, p. 20.

Figura 7 – Capa do jornal O Globo, 18 de julho de 1994.



Dentro do jornal, ao falar do "herói modesto"[29] Taffarel, também foi escolhida uma imagem que contrasta a vitória e a derrota, dessa vez entre os goleiros brasileiro e italiano. Enquanto Taffarel comemora a

[29] **O Globo,** 18 de julho de 1994. Nº 22.153

defesa da cobrança de Massaro, o italiano Pagliuca demonstra semblante preocupado.

A vitória brasileira em 1994 ocorreu quase que de forma inesperada, vindo de uma narrativa construída na mídia pela hermenêutica da derrota[30], baseada na falta de identificação do futebol praticado pela seleção brasileira nos anos 90 com o futebol-arte, construído como padrão ideal do futebol brasileiro. Amaro afirma, inclusive, que a seleção de 94 seria a seleção campeã menos amada pelo Brasil[31], o que pode ser evidenciado quando ainda com a conquista recente, a edição de O Globo de 18 de julho de 1994 já clama pelo pentacampeonato, recomeçando a eterna busca pelo triunfo ideal no futebol brasileiro.

Considerações finais

No futebol, a dor de uma derrota permanece às vezes tão viva quanto as glórias da vitória, e é tão formadora de identidade quanto o triunfo[32]. As imagens ocupam aqui um lugar fundamental na construção das narrativas de memória das partidas de futebol, independente do resultado em campo.

No caso dos confrontos analisados aqui entre Brasil e Itália, além da produção de imagens ícone que se coincidem, como o caso do pênalti perdido por Baggio em 1994, ou se distanciam, como em 1982, quando a Itália foi campeã e o Brasil foi apenas parte do caminho, é inegável que a construção da memória do futebol passa o tempo todo pelas imagens escolhidas por quem cria o discurso oficial, que no esporte, é em grande parte função da imprensa.

---

[30] COSTA, Leda. Hermenêutica da derrota. Imprensa esportiva e seleção brasileira nas Copas do Mundo". In: 36ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2012, Águas de Lindoia. **Anais da XXXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.** Águas de Lindoia: ANPOCS, 2012.

[31] AMARO, Fausto. Copa de 1994: os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história. HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 195-224.

[32] GUEDES, Op. cit.

O Brasil apresenta um detalhe interessante, no entanto, ao ter uma memória mais positiva de uma seleção derrotada (1982) do que de uma seleção campeã (1994). Enquanto a seleção de 82 é lembrada pelo bom futebol, apesar da derrota em campo, a seleção de 94 é reduzida a um único herói em Romário, que seria a última chama do futebol arte e "popular"[33] de um futebol brasileiro em crise nos anos 80 e 90[34]. A própria relação entre o nacionalismo e o esporte brasileiro estava abalada, não só pelos 24 anos sem título, mas também pela mercantilização do futebol e a saída dos jogadores cada vez mais cedo do país para jogarem no futebol europeu, fenômeno que começou na década de 80[35], se acelerando pós 1982, criando a ideia de que aquele pode ter sido a última seleção realmente nacional. A seleção de 1994, por outro lado, já representaria um time "europeizado", que apesar do título, não exibia em campo as características imaginadas do verdadeiro futebol brasileiro.

No caso italiano, a percepção da seleção campeã em 1982 é de uma seleção democrática, que reconstruiu o orgulho e identidades italianas no futebol, sendo o primeiro título conquistado pela Azzura durante um regime democrático, distanciando o futebol italiano do fascismo e suas duas Copas (1934 e 1938). A figura do presidente Pertini se tornou interligada ao sucesso da seleção italiana, além de que a vitória no mundial apagou escândalos como o envolvimento de Rossi no Totonero, com o jogador se redimindo e redimindo seu país[36]. A redenção e a unificação que o título de 1982 trouxe a Itália ditam a memória do mundial para os italianos. O recorte do presente trabalho não permitiu explorar a fundo a memória italiana de 1994, mas, a narrativa da derrota italiana parece ter elegido Baggio e seu pênalti perdido como vilão, apesar de ele não ter sido o único a errar a cobrança.

[33] Id., Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. **Esporte e Sociedade,** v. 5, n. 16, p. 1-11, 2010-2011.

[34] HELAL, Ronaldo. Estádios vazios, ausência de ídolos: notas para uma reflexão sobre a crise do futebol brasileiro. **Pesquisa de Campo.** Rio de Janeiro, n. 0, p. 61-70, 1994.

[35] Ibid.

[36] FOOT, Op. cit.

Por fim, é importante reconhecer as complexas relações envolvidas entre futebol, identidades e sociedade, e como muitas vezes estas relações e construções aparecem mediadas por imagens, que existem para o futebol como o tempo suspenso da Copa do Mundo, retomando temporalidades, sentimentos e agências através de diferentes espaços do tempo.[37]

Referências

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer:* futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil através del fútbol. *Anuário Antropológico*, v. 30, n. 1, p. 149-168, 2005.

AMARO, Fausto. Copa de 1994: os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história. HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) *Copas do Mundo:* comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 195-224.

BAGGIO, Roberto. *Una porta nel cielo.* Itália, TEA. 2021.

BELTING, Hans. "Por uma antropologia da imagem", *Concinitas,* ano 6, volume 1, número 8, p. 65-78, julho 2005.

BELTING, Hans. *Antropología de la Imagen,* Traducido por Gonzalo María Vélez Espinosa, Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

BREDEKAMP, H. *Image Acts*: Systematic Approach to Visual Agency, Translated, edited and adapted by Elizabeth Clegg, Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2018.

CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico. HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) *Copas do*

[37] GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo "suspenso" e história. In: 23ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 2002, Gramado/RS. **Anais da XXIII REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA.** Gramado: ABA, 2002, p. 1- 13.

Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 13-36.

COSTA, Leda, "1982: lágrimas de uma geração de ouro". HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) *Copas do Mundo:* comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 165-194.

COSTA, Leda. Hermenêutica da derrota. Imprensa esportiva e seleção brasileira nas Copas do Mundo". In: 36ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2012, Águas de Lindoia. **Anais da** *XXXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.* Águas de Lindoia: ANPOCS, 2012.

EDWARDS, Elizabeth. "Photography and the performance of History", Kronos, *Journal of Cape History,* n. 27, p. 15-29, Nov, 2001.

FOOT, John. How Italian Football Creates Italians: The 1982 World Cup, the 'Pertini Myth' and Italian National Identity, *The International Journal of the History of Sport,* v. 33, n. 3n p. 341-358, 2016.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Guerra e futebol. *A dança dos deuses*: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 56-58.

GASTALDO, Édison. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo interdisciplinar. GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). *O futebol nas ciências humanas.* Campinas, Editora da Unicamp, 2020, p. 399-409.

GUEDES, Simoni Lahud. A dádiva e os diálogos identitários através das Copas do Mundo no Brasil. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Orgs.). *Futebol objeto das Ciências Humanas.* São Paulo: Leya, 2014, p. 57-69.

GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. *Esporte e Sociedade,* v. 5, n. 16, p. 1-11, 2010-2011.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo "suspenso" e história. *In*: 23ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 2002, Gramado/RS. *Anais da XXIII REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA.* Gramado: ABA, 2002, p. 1- 13.

HELAL, Ronaldo. Estádios vazios, ausência de ídolos: notas para uma reflexão sobre a crise do futebol brasileiro. *Pesquisa de Campo.* Rio de Janeiro, n. 0, p. 61-70, 1994.

HOBSBAWM, Eric J., Introdução: A invenção das tradições. In.: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições.* 11 Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 9-24.

MAUAD, Ana Maria. COMO NASCEM AS IMAGENS? UM ESTUDO DE HISTÓRIA VISUAL. *História: Questões & Debates,* Curitiba, n. 61, p. 105-132, 2014.

MARQUES, José Carlos; CARLOS, Neide Maria. Fotojornalismo esportivo e a derrota do Brasil para Alemanha no Mundial de 2014: imagens de choro e lágrima nas capas de quatro jornais brasileiros. *ÂNCORA – Revista Latino-Americana de Jornalismo,* v. 4, n. 1, p. 70–87, 2014.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. *A construção da Nação canarinho:* uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

Recebido em: 21/07/2026.
Aceito em: 30/10/2026.